



Diocese de Governador Valadares Paróquia Nossa Senhora das Graças Escolápios-Brasil



Projeto Pastoral Paroquial

*“Evangélizar não é motivo de orgulho para mim, senão uma necessidade.
Ai de mim se eu não evangelizar.” (1Cor,9.16)*

*“Planejar é ato de decidir, escolher, prever... Planejar é condição
de todo trabalho, incluindo a Missão de Evangelizar”.*

O ano de 2011 foi para nós tempo de reflexão e avaliação da nossa ação evangelizadora. Somos gratos pelo esforço e empenho de cada agente de pastoral que assumiu este trabalho e levou a sério esta responsabilidade. Vamos concluindo nossa Assembléia Pastoral Paroquial, nos comprometendo com as prioridades indicadas pelas maiorias dos grupos e pessoas. Essas prioridades devem ser assumidas por todos/as, pois são frutos de muito trabalho, esforço e dedicação.

A comissão de preparação da Assembléia Paroquial, atenta às necessidades paroquiais apontadas pelas pastorais, movimentos e grupos sintetizou todas as propostas e indica as prioridades para o nosso Plano Pastoral Paroquial para o próximo quadriênio.

Entre as diversas propostas apresentadas, escolhemos as quatro urgências apontadas como prioridades das prioridades. São elas:

- 1ª Juventude;
- 2ª Família;
- 3ª Acolhida e Ação Missionária
- 4ª Ação Social
- 5ª Formação

Elaboramos o nosso Plano Pastoral em consonância com as linhas de ação de cinco pilares:

- 1º Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja No Brasil (DGAE);
- 2º Conferência Episcopal Latino Americana e Caribenha – Aparecida;
- 3º Plano Diocesano de Pastoral;
- 4º Diretrizes da Ação Evangelizadora dos Escolápios no Brasil
- 5º Síntese da avaliação e propostas realizadas na Paróquia

Faz-se oportuno salientar que não estamos excluindo nenhuma pastoral, grupo ou movimento. Todos e cada um/a têm lugar privilegiado em nosso agir pastoral e em nossa Paróquia. Porém, queremos enfatizar as prioridades apontadas e fortalecer as realidades que precisam ser fortalecidas. Para isso, contamos com a colaboração de todos/as agentes de pastorais e de todos os grupos, pastorais e movimentos.

Graças às importantes contribuições de todos/as vocês, sobretudo, pela adesão consciente e entusiasmada de todos/as, apresentamos aqui o Plano Pastoral Paroquial para o Quatriênio 2012-2015. Acreditamos que o Deus da Vida, que nos inspirou e impulsionou na

busca desse sonho irá sustentar nossos passos, para que, juntas, todas as Comunidades possam realizar esse Plano.

Coloquemos nossa Confiança em Deus e contemos com a intercessão de nossos santos e santas padroeiros/as. Roguemos a São José de Calasanz que nos acompanhe no agir evangelizador, especialmente, no que tange às crianças, adolescentes e jovens.

Com carinho e afeto:

Pe. Enivaldo, Pe. Fernando, Pe. Carmelo e Pe. Sebastião

Composição da Paróquia Nossa Senhora das Graças:

Comunidade Nossa Senhora das Graças

Comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Comunidade Nossa Senhora da Conceição

Comunidade Nossa Senhora da Boa Esperança

Comunidade Santa Efigênia

Comunidade Bom Pastor

Comunidade São José de Calasanz

Centro Educativo Social Escolápio – Itaka Escolápios (antigo GGN)

A palavra Projeto/Plano traz em sua etimologia o significado de lançar-se para adiante, em direção ao futuro. A partir dessa dinâmica, compreendemos o Plano Pastoral como instrumento **integrador**, porque reúne todos/as os/as Agentes de Pastoral e Lideranças para que juntos projetem suas ações.

O Plano de Pastoral Paroquial expressa a **identidade, compromisso e missão** da Paróquia Nossa Senhora das Graças, à medida que define os pressupostos, as prioridades e as diretrizes gerais da sua ação evangelizadora.

Entre as primeiras manifestações do propósito e realização desse Plano Pastoral, um longo caminho foi percorrido. Caminho de construção, de discussões e reflexões, contribuições de todas as Pastorais, Movimentos e grupos; de todas as lideranças que atuam nos diversos setores da nossa Paróquia.

A reflexão na busca de prioridades, as fundamentações teóricas, a produção e elaboração dos textos que compõem o Plano Pastoral e a estruturação seguiram uma dinâmica de revisão e atualização pela Comissão de Organização da Assembléia Paroquial que procurou ser fiel às indicações das comunidades.

O Plano de Pastoral Paroquial fica assim constituído:

- **Histórico da Paróquia** que nos permite conhecer as suas origens e Ação Evangelizadora nesses 54 anos;
- A **Missão** e o **Objetivo** são dimensões a partir das quais deve ser interpretado e contextualizado o Plano de Pastoral Paroquial;
- As **Prioridades** que definem os propósitos da Ação Evangelizadora;
- Os **Pressupostos** que representam os referenciais teológicos e sócio-antropológicos (DGAE; Documento de Aparecida; Plano Diocesano de Pastoral; Diretrizes de Ação Pastoral Escolápia) que permeiam a Ação Pastoral;
- **Síntese de avaliação e propostas** realizadas na Paróquia

“A história é o alicerce do presente e do futuro”

A Paróquia Nossa Senhora das Graças, desde a sua instauração no ano de 1958, tem desenvolvido um grande trabalho de evangelização e a partir do ano de 1974, quando foi assumido pelos escolápios se intensificou o trabalho especialmente entre as crianças, adolescentes e jovens. Nossa Paróquia segue assumindo como prioridade a juventude e a família, prioridades escolhidas pela Assembléia Paroquial.

Em tempos de pós-modernidade, frente às novas exigências para uma ação evangelizadora encarnada e comprometida com a vida, nossa missão consiste em: *“Evangelizar com renovado ardor missionário, testemunhando com dinamismo profético o Evangelho de Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida”*.

Assim, nosso objetivo é **EVANGELIZAR, a partir de Jesus Cristo e na força do Espírito Santo, como Igreja Discípula, Missionária e Profética, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, crianças, adolescentes e jovens, para que todos tenham vida rumo ao Reino definitivo.**

(Na perspectiva do Documento de Aparecida).

“Discípulos e missionários de Jesus Cristo para que nele nossos povos tenham Vida”.

OLHANDO PARA A IGREJA

A partir da identidade.

“Aqueles que acolhem com sinceridade a Boa Nova, por virtude desse acolhimento e da fé compartilhada, reúnem-se, portanto em nome de Jesus para conjuntamente buscarem o reino, para o edificar e para o viver. Eles constituem uma comunidade também ela evangelizadora. A ordem dada aos doze – “Ide, pregai a Boa Nova” – continua a ser válida, se bem que de maneira diferente, também para todos os cristãos” (*“A Evangelização no mundo contemporâneo”, nº 13, Paulo VI*).

A Igreja define, nas suas assembleias, a forma melhor de evangelizar nas duas direções: interior e exterior. Define também as prioridades que marcarão as ações pastorais mais significativas. Nesses momentos de tomada de decisões é importante ter lucidez para compreender melhor a dinâmica do grupo, as motivações, os anseios e as preocupações que brotam do coração da comunidade. Uma assembleia é também um tempo de conversão ao Senhor. Talvez, uma das falhas generalizadas da Igreja seja que ela oferece um nível de participação único para os fiéis, de perfil superficial, sem oportunizar espaços de participação para aqueles que sentem vocação para uma participação mais intensa. É conveniente oferecer propostas específicas para aqueles cristãos que querem maior compromisso.

O grupo A seria a maioria dos que se consideram católicos e marcam uma presença pontual, esporádica na comunidade eclesial. De vez em quando participam de algum ato específico, seja um batizado, casamento ou semelhante. Aparentemente têm pouca raiz e facilmente abandonam a prática da fé. A Igreja, porém, praticou sempre uma paciência pastoral para com eles. Muitos santos e lideranças surgiram desse grupo e deram passos para um compromisso total de vida. Quer dizer, merecem atenção e dedicação própria. Muitos conservam devoções populares ou tradições religiosas que, se trabalhadas, podem originar

uma fé dinâmica e compromissada. Os documentos da Igreja pedem para eles atenção especial em momentos chave: romarias, batizados, casamentos, primeira comunhão, crisma, formaturas e outras celebrações, para acolher bem os cristãos “ausentes” e aproveitar a oportunidade para evangelizar nesse nível. A Igreja não poderia, jamais, se acomodar aos desejos dessa maioria silenciosa, pois perderia o foco da missão. Nesse sentido, a Igreja não funciona pelo desejo das maiorias, mas pela Palavra de Jesus.

O grupo B seria o formado por aqueles católicos que se fazem presentes de forma regular na comunidade. Manifestam boa intenção, acreditam com maior firmeza na Palavra de Deus, participam, semanalmente, nas celebrações embora não se sintam muito protagonistas da própria comunidade. É desse grupo de onde surgem, muitas vezes, catequistas e agentes de pastoral novos. Trata-se de um grupo de que as lideranças precisam cuidar e cultivar, para suscitar novos ministros para a evangelização nas diversas áreas. Propostas de retiros, encontros espirituais, cursos de teologia precisam ser organizados e oferecidos a esses membros. Belo desafio para a Pastoral Vocacional! É importante a política de comunicação e divulgação das propostas da comunidade, a qual deve insistir, sistematicamente, no convite a participar em níveis mais compromissados. Cuidar da acolhida e da motivação tornam-se preocupações chave das lideranças eclesiais do mundo atual, muito especialmente com a juventude.

O grupo C seria o formado por aqueles que se fazem presentes de forma participativa, tomam a iniciativa nas atividades eclesiais, lideram grupos, preocupam-se com a caminhada da comunidade e sentem, na própria pele, as alegrias e tristezas da Igreja. Os membros desse grupo conformariam o que denominamos como **SUJEITO** da evangelização. Esses cristãos precisam de espaço, reconhecimento, garantia, formação e alimento espiritual específico, confiança e canais de participação. Agradecem e aproveitam, maravilhosamente, os momentos de planejamento pastoral participativo, responsabilidades importantes, participação nos órgãos de decisão eclesial. É importante a atitude dos padres, diáconos e outras lideranças significativas da Igreja para criar, formar e consolidar esse grupo, pois estrategicamente é de vital importância para a Igreja. Os jovens com maior identificação na fé em Jesus Cristo devem ser contemplados e chamados a fazer parte desse núcleo que é o sujeito eclesial. O cristão que alcança esta maturidade na fé necessita de alimento espiritual completo e equilibrado: Liturgia mistagógica, orante e significativa. Oportunidades de encontro com a Palavra em profundidade, conversão, alegria e luz para a história pessoal e comunitária. Propostas sérias de pastoral bem organizada, especialmente, na ação social.

A partir da missão

Constata-se a realidade de uma Igreja onde há muitos batizados e poucos evangelizados. Uma comunidade toda ela vocacional desperta nos batizados a necessidade de participarem na missão de evangelizar. Cada cristão é chamado pelo batismo a participar da missão evangelizadora da Igreja; poucos, porém, assumem essa responsabilidade. A causa pode ser a própria história eclesial que não deixava lugar para a participação ativa dos leigos na missão.

Constata-se também, como elemento de grande esperança e alegria, a presença cada vez maior de leigos/as comprometidos/as com a missão da Igreja, com vontade de serem SUJEITOS da mesma e não simplesmente executores de tarefas. É importante que, para isso acontecer, as lideranças eclesiais trabalhem com maior objetividade, a partir de equipes e projetos, utilizando ferramentas modernas de ação, como são os planejamentos estratégicos participativos. O sentimento de muitos cristãos é de perceber que poucas pessoas abraçam muitas atividades e muitos ficam de braços cruzados. Isso é normal. Precisa-se trabalhar com organização e inteligência, oferecendo para tanto formação, momentos de alimentar a mística cristã, acompanhamento e fortalecimento do sujeito evangelizador.

Se a missão de evangelizar é a mesma para todos os tempos e lugares, a comunidade eclesial precisa prestar muita atenção para o momento atual da sociedade e da igreja, a fim de poder fazer escolhas estratégicas que sejam respostas válidas para as necessidades pastorais atuais. Não pode esquecer a juventude que, com motivos diversos, sente-se pouco atraída pelo âmbito eclesial. É verdade que essa distância acontece com todo tipo de grupos na sociedade, mas os cristãos não podem ficar satisfeitos com esse argumento. A pessoa e a mensagem de Jesus Cristo são patrimônio de todos e a Igreja tem a obrigação de aproximar Jesus dos jovens de hoje, buscando os caminhos mais propícios para isso. É importante que o jovem seja protagonista tanto do processo pessoal como eclesial. Os jovens valorizam a sensibilidade artística, a estética, a música, a expressão corporal, as redes sociais. São muito sensíveis ao primeiro emprego. Eles têm sensibilidade para a comunicação virtual, pelas redes sociais, pelas relações on-line. A Igreja, em geral, situa-se longe dos modernos meios de comunicação social. Ainda quando se faz presente nesses meios, passa a imagem de veicular uma proposta pouco pastoral, marcada por eventos e efeitos, sem formação, milagreira e medieval, no modelo de cristandade. A juventude necessita de propostas de formação integral, no espírito de Calasanz que criou caminhos bem interessantes de educação, contemplando todas as dimensões do ser humano (“Piedade e Letras”).

Os marginalizados também se distanciaram da Igreja. Não se pode, simplesmente, ignorar essa situação e deixá-la como está. Correria o grave risco de distanciamento do próprio Senhor, cujo sacramento vivo e especialíssimo são os mais pobres. A Igreja, historicamente, procurou uma presença encarnada e eficaz entre os considerados últimos da sociedade, mas que são os prediletos de Deus. A chave do sucesso foi a presença, a escuta, o caminhar juntos, a solidariedade verdadeira e a fraternidade real. Todos os grupos e pastorais devem atuar unidos para melhor cumprir essa presença e serviço aos excluídos, pois o agente de pastoral social necessita do apoio de todos e de toda a comunidade eclesial. A Igreja toda deve ser uma grande pastoral social. A ação social concretiza a prática do ministério da caridade e acontece em três níveis: assistência, promoção humana e justiça social. A pastoral parte normalmente da assistência, passando depois para a promoção humana e a justiça social. Se ficar somente na assistência perde-se no assistencialismo.

Muitas pessoas e famílias experimentam situações novas de sofrimento por diversos motivos provocados pelo mundo moderno e urbano. Se a consciência dos valores individuais desperta para o valor da dignidade humana, que é tão preciosa; o individualismo exacerbado pode despistar o ser humano no seu objetivo de construir a realização pessoal distante da dimensão comunitária, imprescindível para construir uma personalidade equilibrada, em harmonia e paz. (Período longo e confuso, não consegui refazê-lo, seria interessante dividi-lo em frases curtas.) A depressão, as drogas, o desemprego, a fragilidade nas relações humanas, a afetividade desordenada, a infidelidade com os compromissos assumidos e outros problemas típicos da atualidade trazem desgaste, dor e desarmonia ao coração das pessoas. A Igreja precisa compreender e dar resposta a essas situações por meio da acolhida humana e espiritual, organizando melhor os momentos e espaços de escuta, de consolação e de orientação. Essa situação permite desabrochar na Igreja a sua dimensão comunitária, aprofundando na riqueza do grupo humano em si e na riqueza da fraternidade evangélica.

Outro fator novo da sociedade atual consiste no pluralismo ideológico em todos os sentidos. Sendo esse pluralismo uma realidade positiva em si mesma e oportunidade para crescer no dom da liberdade pessoal, muitas pessoas sentem-se como perdidas num mundo sem referências universais. (outro período confuso) Eis uma grande oportunidade para os cristãos oferecerem aos homens, a partir da liberdade, o motivo da esperança e da proposta cristã, insuperável para preencher plenamente o irrequieto coração humano. É fundamental estruturar e organizar uma formação cristã na fé (CATEQUESE) para todas as

idades, iniciando pelos menores e como um processo que acompanha as faixas etárias e as situações diferenciadas da vida que cada pessoa experimenta. Muitos sentem a Igreja distante por motivos de situações pessoais: divorciados, uniões “ilegítimas”, homossexuais ou pessoas com dificuldades de se encaixar nos moldes morais que a Igreja exige. A comunidade eclesial precisa acolher, escutar, atender e oferecer propostas espirituais e pastorais para que também experimentem a misericórdia do Bom Pastor.

A sociedade atual também se caracteriza pela violência e falta de respeito pela vida e pelos direitos do outro. A comunidade eclesial pode ser um âmbito de paz, de diálogo e respeito entre as pessoas, onde cada uma se sinta reconhecida no seu valor e dignidade. A cultura da paz e do diálogo é necessidade importante de hoje que os cristãos podem oferecer como parte essencial da sua fé. A campanha da fraternidade de cada ano é uma oportunidade real e prática nesse sentido.

A partir da visão

A visão cristã tem como horizonte o Reino de Deus, quer dizer, o centro da mensagem do Evangelho de Jesus. Isso significa que o cristão é chamado a viver o compromisso de um mundo novo pautado por valores de justiça, paz, liberdade e amor. Para construir esse projeto, precisa-se de agentes com um coração também novo, tecendo relações de harmonia consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com Deus. O vinho novo precisa de odres novos.

Parece claro que a imensa maioria na Igreja não conhece essa visão cristã e cobra dela outras coisas que não tem nada a ver com o objetivo que o Senhor lhe conferiu. Muitos querem que a religião ofereça bens temporais: saúde, emprego, relacionamento afetivo e status social.

Acontece um desentendimento freqüente quando muitas pessoas procuram uma coisa e a Igreja oferece outra. Nem sempre os membros mais significativos sabem lidar com essa dificuldade. Um líder responde, enquanto possível, o pedido das pessoas para não gerar atritos ou para não perder “clientela espiritual”. Outros líderes respondem, sistematicamente, que não, fechando toda possibilidade de diálogo. É importante aprender a afinar os critérios e as propostas entre as próprias lideranças e buscar o equilíbrio entre a exigência da fé e a paciência para com o povo. Mais uma vez precisa-se de formação permanente para todas as lideranças, cultivo da espiritualidade para o ambiente moderno, diálogo e momentos de reflexão em comum, planejamento e avaliação constantes. Vivenciar tudo isso com muita paz, oração e bom humor.

MODELOS EXISTENTES

Um critério para definir modelos eclesiais pode ser a forma como se articula a relação entre igreja, mundo e reino de Deus. Podem-se distinguir sensibilidades diferenciadas que é conveniente analisar. Na prática, porém, esses modelos se misturam entre si.

Modelo de crmandade. “*Eu pago promessas para Deus me ajudar*”.

Entende que todo o mundo precisa ser cristão. Pensa que o período histórico ideal da Igreja aconteceu na Idade Média, quando boa parte da sociedade ocidental era cristã e a Igreja controlava o poder político e religioso. Hoje, se caracteriza pelos sinais externos que chamam a atenção: hábitos estridentes, terços e escapulários bem visíveis, devoções tradicionais, comunhão na boca e/ou de joelhos, valorar a eucaristia mais como adoração do que como comunhão com Jesus e com os irmãos. Destaca a penitência e o esforço pessoal em coisas como promessas, jejuns, sacrifícios e renúncias. Considera que o reino de Deus será depois da morte e se conquista combatendo em favor da igreja e contrário ao mundo que é inimigo da fé.. Destaca muito o moralismo das pequenas coisas sem conexão com a realidade social nem com as relações humanas. O lugar de culto preferente é o templo

tradicional, das campanhas, castiçais, incenso, ambiente escuro e naves compridas sem relação horizontal, mas cada um adorando a Deus. Catequese sacramentalista e espiritualidade do temor.

Modelo neoliberal. “Deus faz tudo de graça para mim”.

Entende a religião como uma prestação de serviços espirituais a cada indivíduo. Este, por sua vez, escolhe da religião aquilo de que gosta ou necessita no momento. Não existe comunidade, mas só relação de cada um com o fato religioso representado por alguém que hipnotiza pelo domínio da comunicação. Na realidade, não existe uma relação com a Igreja entendida como comunidade de fé, mas com agentes mediáticos que satisfazem as necessidades religiosas de cada um, do jeito que o “consumidor religioso” gosta. Caracteriza-se pela aglomeração de grandes massas de fiéis onde cada um experimenta um milagre por meio de ritos mágicos. É a igreja de milagres, eventos, efeitos e catarses. Prevalece o lado emocional. Não precisa de catequese nem compromisso pessoal.

Não existe relação igreja – mundo. Nem poderia. O mundo é tudo pecado, território do mal. Nele se vive, porém afastado de Deus. Quando chega o momento do culto, entra-se no ambiente divino e aí se experimenta o reino de Deus de uma forma alienada. Trata-se de uma experiência fora da história, como se isso fosse possível. Enfatiza a moral da sexualidade, desconectada das relações humanas e da justiça social. Politicamente conservadora, quer que os candidatos católicos cantem louvores a Deus mesmo que, depois, votem contra os interesses do povo. O lugar de culto por excelência é o estádio ou galpão gigante, a mídia de grande alcance.

Modelo conciliar. “Comunhão e participação na missão de Jesus”

Igreja comunhão e missão formada por uma rede de comunidades onde os participantes se conhecem e ajudam. O centro, porém, não é tanto o grupo em si mesmo, mas a missão de evangelizar que congrega a todos e a cada um. Entende-se a missão como um conjunto de ações que abrangem, de forma articulada, todos os aspectos da prática de Jesus: a profecia (Palavra), a memória atualizada de Jesus (Liturgia) e, principalmente, o serviço em favor da vida digna do povo (Caridade). A celebração da fé é um momento muito importante para celebrar a presença de Cristo no meio do povo e alimentar o compromisso de construir, aqui na terra, o reino de Deus, como uma antecipação do que um dia será plena realidade. A catequese é essencial à Igreja. Formação na fé entendida como processo permanente, centrada em Jesus Cristo, comunitária e orientada para a evangelização.

No importa tanto o número de fiéis, mas o compromisso de cada um e a fidelidade no testemunho do Evangelho. Trata-se de um modelo que recolhe a grande tradição da história da Igreja que se converte sempre ao modelo das origens das primeiras comunidades cristãs. A Igreja se coloca ao serviço do reino de Deus dentro da história humana, testemunhando entre os homens o Evangelho, à semelhança do fermento dentro da massa. Inspira uma ética de compromisso com o próximo e com a história do povo para que a humanidade seja um espelho melhor da comunhão divina, caracterizada pela solidariedade e amor fraterno. O lugar de culto é a vida dos homens, a própria história. Embora sejam importantes os templos, configurados de forma a facilitar a comunicação entre as pessoas e com Deus, significando a presença do Senhor na comunidade de fé, o templo verdadeiro é o próprio coração cristão que se consagra no altar da vida diária por meio do amor fraterno.

Desafios atuais

Na dimensão espiritual

Os cristãos que participam ativamente na missão de evangelizar pedem formação séria e consistente, continuada e de cunho pastoral. Pedem também que se ofereça

uma espiritualidade atualizada, completa e evangélica, alicerçada em Jesus Cristo. Espiritualidade com dois tipos de ritmos: cotidiano, nas próprias celebrações litúrgicas e reuniões dos grupos e pastorais; na oração pessoal diária. Oração impregnada pelo encontro com Deus na Palavra. Outro ritmo mais esporádico consiste na oferta de retiros e encontros espirituais, para poder alimentar a fé de forma mais tranqüila, pois a vida diária é muito exigente e não ajuda para se concentrar devidamente com calma e tempo suficiente. A Bíblia, os cantos, momentos de silêncio e de partilha marcam esses momentos fecundos de espiritualidade. A partilha da vida, em ambiente de confiança e de harmonia fraterna, ganha cada dia maior espaço, pois possibilita relações humanas mais profundas e duradouras. Isso se agradece no mundo atual, caracterizado pelas relações superficiais e transitórias, que não satisfazem, verdadeiramente, o coração humano.

Na dimensão pastoral

Cada vez é maior o número de pessoas que procuram a Igreja como uma oportunidade de doar tempo e praticar o bem ao próximo. Eis o voluntariado cristão! Essas pessoas exigem da comunidade eclesial seriedade e responsabilidade na hora de organizar pastorais e ações para que realmente sejam eficientes. Hoje, ninguém gosta de perder o tempo fazendo de conta que se faz alguma coisa, sem que, na realidade, exista um planejamento consistente na evangelização.

A liturgia e a catequese precisam estar bem organizadas para que os fiéis possam aproveitar bem o pouco tempo de que dispõem para alimentar a fé. Ambas centradas no encontro de fé com a pessoa de Jesus Cristo, que acontece na comunidade de fé e amor. Mais mistagógicas do que mirabolantes.

A evangélica opção preferencial pelos pobres precisa ser destaque em cada uma das nossas comunidades. Isto significa dedicar pessoas, dinheiro, tempo e estruturas apropriadas, organização, planos de ação e formação para articular uma ação social atual e eficiente. A Igreja precisa organizar a pastoral, não só as pastorais sociais, mas a igreja toda, como uma grande pastoral social, que desenvolva o ministério da caridade como um todo e em cada situação concreta a partir da realidade do povo. A história apresenta, em cada época e lugar, desafios específicos à evangelização que não podem ser ignorados pelas comunidades cristãs na sua preocupação pastoral.

A Igreja se constitui desde o início da sua história a partir dos ministérios e, a exemplo do Senhor, ela existe para servir e não para ser servida. Hoje não pode se entender uma comunidade eclesial que não seja profundamente ministerial. Os cristãos que compreendem e aceitam a responsabilidade de serem sujeitos da evangelização, tomam consciência da responsabilidade de cada batizado em assumir a missão evangelizadora. Tomam consciência também do mistério divino que, por meio do Espírito, derrama dons, carismas e ministérios no coração dos fiéis para dar continuidade à missão de Jesus.

Uma comunidade pastoral e missionária precisa de uma pastoral da partilha (dízimo) consistente para canalizar a dimensão da partilha que caracteriza o ser cristão nos níveis pessoal e comunitário.

Na dimensão missionária

Entre os cristãos comprometidos com a causa de Jesus cada vez menos encontraremos aqueles que querem viver uma fé fechada no próprio grupo ou comunidade. O próprio Evangelho abre os corações para a solidariedade com outras comunidades que precisam de ajuda e para compreender que, no final das contas, todos formam uma grande comunidade e fraternidade de fé em Jesus Cristo.

As lideranças comunitárias precisam prestar atenção a esta sensibilidade missionária que é uma exigência e sinal de uma fé verdadeiramente cristã. Alguns assumirão a missão mais por perto: família, trabalho, ambiente, bairro e outros âmbitos próximos. Existe também o dom do Espírito chamando outros cristãos para serem enviados pela

comunidade eclesial a outros âmbitos geográficos ou sociais onde é necessária a presença de testemunhas e agentes de pastoral específicos.

É importante, especialmente com os jovens, entender a Igreja como uma grande rede de comunidades de fé e de amor solidário. Pois, esse modelo atrai o jovem que vive fortemente o sentimento de estar em rede com outros jovens. A participação eclesial nos modernos meios de comunicação social significa entrar nesse arcótipo moderno, lugar privilegiado de anunciar o Evangelho.

“A evangelização há de conter também sempre, ao mesmo tempo como base, centro e ápice do seu dinamismo, uma proclamação clara que, em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos os homens, como dom da graça e da misericórdia do mesmo Deus”. (Evangelii Nuntiandi, 27; Paulo VI). A Igreja jamais poderia renunciar a anunciar explicitamente a sua convicção mais profunda e preciosa: Jesus Cristo é o Salvador da humanidade e a mensagem dele é o verdadeiro caminho da vida (kerigma). Este anúncio acontece constantemente na catequese, na liturgia e no diálogo com os homens, aproveitando toda oportunidade favorável, sempre no respeito à liberdade do outro. É cada vez maior o número de pessoas, tanto crianças, adolescentes, jovens e adultos que procuram a Igreja com sede de fé e de Deus. Não tiveram oportunidade para conhecer Jesus Cristo e o Evangelho. Não estão batizados nem crismados. Buscam nos cristãos essa Luz.

O anúncio evangélico não pode também prescindir do serviço generoso aos homens, colaborando na transformação da história. *“Entre evangelização e promoção humana, desenvolvimento, libertação, existem de fato laços profundos: laços de ordem antropológica, dado que o homem que há de ser evangelizado não é um ser abstrato, mas é sim um ser condicionado pelo conjunto dos problemas sociais e econômicos; laços de ordem teológica, porque não se pode nunca dissociar o plano da criação do plano da redenção, um e outro a abrangerem as situações bem concretas da injustiça que há de ser combatida e da justiça a ser restaurada; laços daquela ordem eminentemente evangélica, qual é a ordem da caridade: como se poderia, realmente, proclamar o mandamento novo sem promover na justiça e na paz o verdadeiro e o autêntico progresso do homem?”.* (Evangelii Nuntiandi, 31; Paulo VI). Faz parte da missão evangelizadora da Igreja o compromisso de transformar a sociedade. As pastorais sociais necessitam de reconhecimento, espaço e apoio dos padres e da comunidade eclesial. Dada a cultura moderna impregnada de individualismo e de falta de solidariedade existe hoje a tentação, extremamente perigosa, de considerar a ação social como desnecessária ou negativa. Muitos grupos cristãos de diversas igrejas não consideram necessária esta dimensão social da fé. A Igreja precisa trabalhar firme essa convicção, pois a transformação social faz parte do coração do Evangelho.

Pe. Fernando Aguinaga, escolápio.

Para reflexão:

- A Igreja nasceu para evangelizar. Cada batizado é chamado a participar na evangelização. Mas hoje não é fácil trabalhar pelo Reino de Deus. Quais são as dificuldades maiores que hoje a Igreja enfrenta para realizar a sua missão de evangelizar?
- O mundo moderno apresenta uma situação para a Igreja bem diferente do que, faz alguns anos, existia. Quer dizer, a espiritualidade e a pastoral necessitam se adaptar aos tempos da cultura atual. Quais seriam as urgências de que a Igreja precisa cuidar, hoje, para ser discípula e missionária de Jesus? (Documento de Aparecida).

Reflexão das Comunidades

- **Falta de um comprometimento** eficaz por parte das pessoas com as comunidades (Instabilidade).
- Necessidade de uma **Pastoral da Acolhida** que não seja um simples receber as pessoas nas portas e identificar os visitantes. **Igreja Acolhedora** e compreensiva.

- **Dificuldade de dialogar com as juventudes** e deixá-las serem protagonistas.
- Perda da religiosidade das **famílias** - desestrutura e dificuldade da Igreja em trabalhar com os modelos de famílias. Maior investimento na Pastoral Familiar
- Faz-se necessário assumir Aparecida e passar de uma Pastoral de Conservação a uma Pastoral Missionária – Igreja em estado permanente de missão.
- Ter maior preocupação com a vida das pessoas em seu **contexto real: social, religioso e moral.**
- **Assumir os desafios da modernidade** (Individualismo,...) e procurar dar respostas adequadas a estes desafios. Não ficar no saudosismo. Aproveitar bem as oportunidades de evangelização que nos oferece os meios modernos de evangelização. Superar uma “pastoral” midiática.
- Promover a formação de novas lideranças. Assistimos a um envelhecimento dos líderes.
- Melhor organização da Agenda Paroquial.
- Crescimento das Igrejas Pentecostais e outras.
- Falta de inovação.
- Igreja preconceituosa e com excesso de moralismo.

Introdução

Chegamos ao final do processo de assembleia em nossa Igreja Paroquial. Muitos são os desafios apresentados pelas pastorais. Algumas preocupações nos parecem mais evidentes, tais como as juventudes (preocupação número 1), família (número 2) e ainda outras tantas. Esta reflexão quer ocupar-se dessa primeira preocupação que desafia o agir evangelizador da nossa Igreja e, especialmente, da nossa paróquia. Proponho algumas reflexões e pistas para que possamos dar passos mais concretos nesse processo. Não tenho nenhuma pretensão de oferecer receitas. Estas não existem no que tange o trabalho com a juventude. Minha pretensão é tão somente oferecer algumas pistas para a nossa reflexão conjunta, a fim de desembocarmos em um processo que iremos fazendo, escutando a voz do Espírito que clama nestes tempos difíceis no processo de evangelização das juventudes.

Vivemos em um mundo em que o amor de Deus se torna explícito

Parafrazeando a *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II, podemos afirmar que “*as alegrias, as esperanças, as tristezas e as angústias dos jovens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são as alegrias, as esperanças, as tristezas e as angústias dos que acompanham as juventudes. Não há nada na cultura juvenil que não encontra eco em nosso coração*” (GS 1).

O ser humano é templo de Deus (1Cor 3,16). Se desejamos encontrar a Deus, não precisamos fugir do mundo, mas sim, rastrear as debilidades humanas, que são lugares e exigências de resposta do Deus encarnado. Nada do que é humano nos pode ser alheio. O Evangelho se encarna nas diversas culturas. São nelas que encontramos a alma da cultura, especialmente as dos/as jovens, nossos destinatários preferidos.

A cultura das juventudes é um lugar habitado por Deus e necessitado de evangelizadores capazes de introduzir-se nela para conhecê-la em profundidade no seu dinamismo e reescrever o Evangelho de modo novo e diferente, para que seja acessível e válido para elas. O Evangelho precisa ser traduzido e inculturado sempre, para que seja compreensível a quem, em determinado contexto, o escuta. Precisa ser definido por umas coordenadas espaciais e temporais certas. Em nosso caso,

inculturação significa inserção da mensagem cristã nos meios culturais das juventudes, de tal maneira que a mensagem seja compreensível para elas e, assim seja aceitável.

A tarefa da Igreja consiste em transformar o Evangelho em todo tipo de cultura, consciente de sua universalidade cultural, mas também na necessidade de salvaguardar sua objetividade às variadas tendências culturais. O Evangelho precisa de sinais e de símbolos da cultura para poder chegar a ser palavra compreensível a quem o escuta.

Assim, perscrutamos os sinais dos tempos com um olhar positivo, o que implica banir a idéia de que qualquer tempo do passado era melhor. Nesse sentido, podemos descobrir que o Espírito continua atuando e empurrando, no aqui e agora, nossa história para a plenitude. Dessa forma adotamos um olhar positivo e esperançoso da realidade em que vivemos, constatando que Deus segue amando e conduzindo a história por meio do seu Espírito.

Vivemos em um mundo quebrado por injustiças abissais, onde Deus se “esconde”. Rastreamos suas pegadas e o encontramos ali, onde realmente Ele está. Uma vez redescoberto, permanecemos n’Ele de forma permanente.

Não vivemos no melhor mundo possível, porque grande parte da humanidade nega sua dignidade, inclusive a sua vida. No entanto, Deus nos envia ao mundo, a quem Ele ama até o extremo de entregar o seu único Filho amado. Deus está presente e trabalha no mundo, necessita de nós e nos espera. Por isso, a experiência de Deus tem que está integrada na realidade, sem ficar presa em intimismos, mas próxima da história e dos referenciais culturais.

Uma pastoral com jovens em mudanças

Submergidos em uma crise global, em um tempo de profundas e rápidas mudanças, nos deparamos com vários rasgos culturais que se impregnam fortemente nas mentalidades e sensibilidades dos/as jovens: uma cultura marcada pelos meios de comunicação, pluralismo religioso e cultural, autonomia das pessoas, etc. Além disso, o cenário sócio religioso mudou muito e continua mudando, tais como: mentalidades secularizadas, crença sem compromisso institucional, crescimento do pentecostalismo, etc. A pluralidade se instala por todas as partes e a identidade cristã se pulveriza fragmentando a prática religiosa. A religião, para muitos já vai se tornando um assunto do passado e, para outros tantos, uma opção pessoal que advoga para si, a fim de manter apenas no nível da consciência.

Nossas comunidades já sentem, na pele, a dificuldade para a evangelização da juventude. Por isso urge responder a uma pergunta chave: *Existe hoje, um problema mais grave – no âmbito eclesial – do que a dificuldade que todos sentimos para evangelizar as novas gerações?* Se a nossa resposta se inclina para o reconhecimento da gravidade do assunto e leva-nos a arregaçar as mangas, então iremos priorizar nossas forças e ações para enfrentar esse novo paradigma. Ele nos lança a somar forças para viver e seguir acreditando com as juventudes.

O cenário do jogo mudou por completo. Faz-se necessário reconhecermos que não sabemos bem como chegar às juventudes nem o que fazer com elas. E, nestas buscas, muitas vezes surge a tentação de projetar nosso futuro eclesial sem os jovens. Estas tentações nem sempre são superadas. Com frequência, deixamos ser vencidos por ela.

Poucas diocese e paróquias se dispõem de uma realidade viva e planejada de Pastoral de Juventudes. Não são poucas as queixas sobre as dificuldades de acompanhamentos que desembocam em processos de personalização de uma fé madura. No entanto, quase todas as dioceses e paróquias têm atividades com jovens. Algumas de uma forma muito viva e sistematizada. Inclusive com bons

resultados de processo educativos da fé que desembocam em inserção eclesial e comprometida em uma comunidade adulta.

Outro sinal de esperança é o surgimento de iniciativas de trabalho conjunto com centros educativos que levam adolescentes e jovens a crescerem na fé. A Conferência de Aparecida lança um apelo profético a esses centros educativos, tais como as escolas católicas, para que sejam verdadeiras comunidades eclesiais. Uma fé experimentada e uma paixão generosa de educadores e catequistas podem tornar possível uma evangelização de uma grande parcela das nossas juventudes que não chegarão, normalmente, às nossas comunidades eclesiais paroquiais.

As Congregações Religiosas se dispõem de um movimento juvenil bastante vivo e potente, especialmente, algumas instituições educativas, mas encontram também, grandes dificuldades para alimentar sua identidade cristã, sustentar e acompanhar os processos pastorais e possibilitar uma inserção eclesial aos jovens, com uma clara perspectiva de futuro. O trabalho educativo mediante processos e itinerários de fé é fecundo em muitos adolescentes e jovens que se aproximam e vivem o Evangelho e se comprometem no seio da Igreja e a serviço da sociedade.

Os novos movimentos são outras possibilidades oferecidas à Igreja, para evangelizar com criatividade o mundo das juventudes e se manifestam mais em eventos pontuais do que na vitalidade cotidiana das comunidades eclesiais. Possuem uma forte identidade, fazem um anúncio mais direto e explícito e dispõem-se de uma estrutura organizativa bem articulada. Porém existe um grande limite: funcionam de forma isolada e, com muita frequência, à margem da vida comunitária paroquial. Quase sempre não primam pelos processos, mas a emoção e os sentimentos. A proposta toca o coração de muitos jovens, mas não cria identidade.

Muitas dioceses promovem encontros de pastoral de juventudes com a finalidade de propiciar um maior entrosamento e realizar atividades e eventos, mas não conseguem desencadear processos. O Doc 85 da CNBB: *Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas Pastorais* oferecem nova maneira de estruturar o trabalho de evangelização das juventudes por meio da criação de Setores nas dioceses, com o objetivo de somar as forças das Pastorais da Juventude e demais pastorais e movimentos que trabalham com jovens. No entanto, esta nova maneira de organização ainda não tem trazido os frutos esperados. A organização adequada que visa responder a necessidades do presente é importante, mas ela em si não basta. Muitas mudanças estão em curso na ação pastoral com as juventudes. As Pastorais da Juventude, enquanto ação organizada da Igreja no Brasil, perdeu forças e o que se escuta é que ela não responde mais às necessidades da Igreja e dos jovens. Comungo da idéia de que ela não responde às necessidades globais, mas segue sendo uma pastoral válida para nossos tempos e segue evangelizando e engajando milhares de jovens nos diversos seguimentos da Igreja e da sociedade. A tendência do momento é de priorizar os movimentos, pois eles arrebanham grande massa de jovens nos eventos, o que dá a sensação de que estamos atraindo novamente as juventudes. Um exemplo típico é o deslocamento do eixo da celebração dos DNJs para as Jornadas Diocesanas e Mundiais da Juventude. Tornando-se assim, uma Pastoral de Eventos e não de processos.

Nossa realidade eclesial carece de meios humanos e materiais que torne possível a evangelização das juventudes. Nossas decisões são tomadas nos meios adultos e sem contar com a participação das juventudes. Tomamos decisões para os jovens executarem e estes rejeitam, legitimando nossa tese de que “os jovens não querem nada”. Faz-se necessário abrir-nos ao novo. Precisamos tomar consciência de que estamos em uma época de darmos espaço às novas gerações e voltar a acreditar nelas de uma maneira apaixonante. Faz-se necessário adentrar-nos por caminhos novos, desconcertantes e imprevisíveis que requer de nós uma abertura, confiança e criatividade. É uma grande oportunidade que está se convertendo em convite para irmos ao essencial de nossa fé, para

podermos viver coerentemente desde a proposta do evangelho. Não podemos deixar passar o trem da história da nossa Igreja sem tomarmos carona nele, pois pode ser que não tenhamos outras oportunidades. A Europa, hoje, lamenta as oportunidades perdidas e a grande preocupação não é como seguir transmitindo a fé, mas como iniciar o processo de transmissão da fé às novas gerações.

A situação atual nos interpela e provoca reações diversas. Agora, se queremos iniciar e aprofundar na experiência do Deus de Jesus de Nazaré com as novas gerações, nossas comunidades terão que, necessariamente, provocar mudanças em suas estruturas e mentalidades. Deverá repensar sua pastoral com as juventudes, assumindo estratégias evangelizadoras diferentes e desenvolver uma espiritualidade de resistência que nos convertam em referências alternativas e de contrastes no mundo dos jovens e na sociedade em geral.

Voltar a ter fé com as juventudes

Quando escutamos os/as jovens, eles mesmos nos expressam que buscam relações autênticas, afetos sinceros, sentidos para as suas vidas, repostas para as suas interrogações e propostas de liberdade e plenitude.

As juventudes estão muito solitárias, e a grande parte delas falta, inclusive, a presença dos pais e mães por motivo de trabalho ou desintegração familiar. Muitos não sabem dialogar com os filhos e, para recompensar a ausência, são permissivos ou lhes oferecem o computador para servir-lhes de companhia dia e noite e compensar o afeto que eles não conseguem oferecer. Esses afetos, não poucas vezes, são buscados nas redes sociais.

Muitos/as jovens não têm pessoas que lhes dediquem tempo, que estejam com eles/as e os escutem. Estão carentes de afetos, cuidado e espaços de relacionamentos que lhes propiciem sentido existencial. Sentem-se em um mundo saturado que se torna grande, cheio de possibilidade, mas, ao mesmo tempo, cheio de riscos e incertezas. Buscam construir sua identidade no meio da vulnerabilidade, sem referências válidas, atrativas e coerentes. Em definitivo, as juventudes buscam relações e projetos que lhes sirvam para crescer e poder oferecer os seus valores à sociedade.

Deus sai ao encontro das juventudes de hoje e toma a iniciativa, e também cremos que, para isso, fiel ao seu estilo de revelar, serve-se de mediações humanas como sempre o fez na história. Também nos desafia servindo-se de nós para o trabalho de acompanhamento das juventudes. O episódio da sarça ardente pode ser iluminador. Deus toma a iniciativa e se vale de Moisés para o processo de libertação. Moisés escuta a Deus, declarando-se consciente da situação do seu povo no Egito e expressando sua decisão de descer para libertá-lo. Sente-se interiormente alegre, pois também tinha consciência da situação, inclusive ele foi vítima dela. Chega a pensar em uma ação milagrosa desse Deus que se revelava próximo do seu povo. Quando Deus revela que ele, Moisés, seria o protagonista desse processo junto ao povo e às autoridades políticas, ele recua e apresenta numerosas desculpas para se esquivar (Ex 3). Como Moisés, também nós conhecemos as reais necessidades e situações de nossas juventudes, mas nos esquivamos sempre. Não estamos dispostos a sair de nossas situações cômodas para nos lançar ao mundo das incertezas. Poucos estão dispostos a fazer caminhada com as juventudes pelos desertos, em busca da terra prometida. Estamos convencidos de que as juventudes, saibam elas ou não, como todo o ser humano, buscam a Deus, necessitam dele e desejam que esse mesmo Deus tenha tomado a iniciativa de sair ao seu encontro, mas nos recuamos quando descobrimos que devemos ser “Moisés” nesse processo de acompanhamento.

Cremos que Deus está presente em nossas juventudes de hoje e diz algo a nós em meio a esta realidade em contínua mudança. Toda essa cultura está grávida da semente de Deus. Todos que se dispuserem acompanhar as juventudes devem esforçar-se para descobri-la e facilitar o seu

crescimento antes de lutar contra ela. Esta semente, presente na cultura das juventudes de hoje, será o que iluminará os recantos escuros desta mesma cultura.

Grande parte das juventudes tem dificuldades de descobrir este Deus que já está presente em seus corações. Os adultos não conseguem reconhecer o Deus que está presente nessas juventudes. Não será que nossas linguagens e nossa maneira de apresentar Deus às juventudes são mais opacas que transparentes? Que, ao invés de revelá-Lo, O oculta? Não será momento de questionarmos se nós, como educadores na fé e testemunhas cristãs, estamos desvelando às juventudes o Deus que já está presente em sua vida e história?

Fernando Sebastián, em uma de suas obras recentes, afirma que *“os jovens de hoje estão feitos para Deus, podem e necessitam escutar o Evangelho de Jesus Cristo. Ele/as levam dentro si a capacidade e a necessidade de Deus. Estão sendo trabalhados pelo Espírito e vão ter o seu momento de Graça. O que lhes faltam é a ajuda de seus irmãos mais experientes para oferecer-lhes o Evangelho de Jesus, no qual está o segredo de suas vidas, de suas felicidades e salvação”*.

Urge voltar a ter fé com as juventudes e querer viver essa fé com elas, mas não para impor nossa maneira de acreditar e viver. Temos que nos abdicar de nossas maneiras demasiadas estruturadas e rígidas, quase dogmáticas. Precisamos trilhar novos caminhos e metodologias desde as nossas escutas atentas aos clamores juvenis. Somente pessoas vocacionadas para os/as jovens e que vivam sua fé como adultos serão capazes de adentrar em seus “revoltosos” corações e ajudá-los/las, sob a guia do Espírito Santo, a despertar ou alimentar este Deus que sempre habitou em seu interior.

Devemos, com urgência, renovar a nossa fidelidade para com as juventudes e auscultar com honradez nossas intencionalidades e cálculos pastorais para retomar nossa aliança com eles/as, a fim de canalizar esta energia radiante de paixão e audácia evangélica que contagia e convida a caminhar. Essa aliança com as juventudes implica “perder” tempo ajustando nossas agendas em função de suas demandas e solicitudes. Implica planejar com elas, iniciativas que lhes interessam e os/as ajudam a ser autênticos protagonistas levando-os/as ao Amor que desejam alcançar.

Os primeiros elementos para toda e qualquer pastoral ou movimentos juvenis são “aliançar” uma acolhida incondicional às juventudes. Sem estas, não será possível traduzir a Boa Notícia de Jesus de Nazaré. A palavra aliança nos remete ao compromisso com esta causa. Por meio dessa aliança nos colocamos, incondicionalmente, a caminhar com as juventudes. O mesmo que Deus promete, que é estar com o seu povo, independente da infidelidade de Israel, assim, devemos estar com as juventudes. Essa aliança exige a atitude educativa básica da acolhida incondicional.

Dialogar sobre a fé com as juventudes

Voltar a ter fé com as juventudes significa entabular um diálogo sobre a fé com as novas gerações. Somente podemos nos abrir às juventudes partindo delas mesmas e iniciando uma comunicação livre e em plano de igualdade. Para isso, faz-se necessário dialogar com as diferentes formas de culturas de hoje, confrontando a fé com o horizonte cultural próprio das juventudes e seus ambientes de vida. Deve-se partir das expectativas e esperanças e dos problemas e desajustes das juventudes para identificar com elas um caminho em que a mensagem evangélica possa ter sua própria inteligibilidade e significatividade.

Esta aposta gera um itinerário de insegurança que aceita a própria fragilidade de cada posição e de cada experiência para criar um caminho possível sem, antecipadamente, conhecer com precisão aonde se vai chegar. É um itinerário de busca, que aceita a realidade como se manifesta nas suas formas fragmentadas e de precariedade, porém sem perder o sentido de marcha e busca de sentido

da fé. Nesse sentido, tanto o caminho quanto a meta, tem igual importância. Esse caminho, de forma alguma renuncia comunicar a experiência de fé como possível chave de interpretação da existência pessoal e coletiva.

O objetivo é recorrer com as juventudes um trecho do caminho, elaborando com elas, pelo menos pequenas fagulhas de sentido que possam ser acrescentado a outras que se realizam no arco da vida até compor uma imagem completa. A lógica desta escolha é a do peregrino, a de ir mais além, mesmo que desconhecemos o trajeto de um caminho que ainda falta para ser percorrido.

Ao partir do ponto em que o/a jovem se encontra, ao valorizar suas experiências mais sentidas e vivenciadas, a experiência do dia a dia se converte no eixo desse caminho. A experiência cotidiana torna-se o lugar desde onde se descobre e se aprofunda a própria fé. E, ainda se permite uma adesão crítica dos conteúdos que se oferecem, dado que o jovem responde consciente e livremente às propostas portadoras de sentido e de qualidade oferecidas pelo educador ou acompanhante.

Neste ponto, a qualidade das relações pessoais é fundamental, para que possa estabelecer com eles relações significativas e dialógicas. Nesta ótica, carecemos de acompanhantes na fé com interesse genuíno pelo jovem e disponíveis a escutar e a compreender de forma mais empática do que com a razão. Acompanhantes autênticos com capacidade de reconhecer suas fragilidades, dispostos a ensinar e a aprender com eles. Em definitivo, necessitamos de adultos que construam com as juventudes, relações de verdadeira reciprocidade, em que a pessoa seja reconhecida em pé de igualdade e a interação seja circular, de modo que se eduquem conjuntamente.

É fundamental que os/as jovens percebam a autenticidade do acompanhante e a sua finalidade, pois, do contrário, far-se-ão inacessíveis. O/a jovem deve encontrar um espaço comum de relação mais ou menos explícito com o acompanhante. Para caminhar juntos devem identificar-se mutuamente, pois se faz necessário que cada um apresente quais são suas intenções: o que busca; o que um quer do outro; o que está disposto a oferecer e acolher; ...

Trata-se de caminhar juntos, um ao lado do outro, sem pretensão de ser cabeça, realizando um acompanhamento processual, inclusive respeitando os passos do/a acompanhado/a, oferecendo-lhes de vez em quando a nossa resposta e a nossa experiência cristã.

Em um contexto culturalmente em contínuo processo de secularização e pluralista como o que nós vamos vivenciando, a presença e o testemunho da comunidade cristã podem ser significativos, independente de qualquer resultado. Com o testemunho, se semeiam, para o futuro, sementes de esperança.

Nesta perspectiva queremos *“ir ao mundo inteiro anunciar a todas as juventudes, ajudando-as a serem discípulos/as de Jesus Cristo”* (Mt 28,19). Se quisermos chegar às juventudes com o objetivo de ajudá-las a ser discípulos/as, será imprescindível entabular um diálogo com elas, presenteá-las com nossa amizade e a colaboração de todos. De outra maneira, creio eu, será impossível imaginar como a Igreja poderá levar o tesouro da Boa Notícia ao mundo das juventudes. Se não estabelecer relações humanas, recíprocas e significativas, não poderá ter a sua adesão. Jesus é o mestre nesta empreitada. Ele nos ensina a nos abrir ao diferente – em seu tempo, eram os pagãos, prostitutas, leprosos, publicanos... – dos quais ele se aproximou e ofereceu compreensão. O episódio da mulher sírio-fenícia é iluminador neste sentido. Esta linha era para Jesus um programa, que depois foi assumido também pelo Apóstolo Paulo que, com audácia, levou ao mundo a Boa Notícia de uma forma inculturada e inovada. À coragem que tiveram os apóstolos, naquela época, devemos o grande florescimento e a difusão da Igreja. Essa mesma coragem necessitamos hoje: Não retroceder ante as

dificuldades, mas avançar e permanecer em diálogo com todos/as, mesmo que cause certo desconforto a setores mais conservadores da Igreja, seja ela hierárquica ou laical.

Para reflexão:

- Como acolhemos as expressões juvenis em nossa Igreja?
- Como entendemos a fé da nossa juventude?
- Como devem ser as atitudes dos agentes de pastoral, adultos, na acolhida dos jovens na Igreja?
- Como podemos ajudar os jovens a serem protagonistas da evangelização de outros jovens.

Pe. Enivaldo João de Oliveira, Escolápio

Reflexão das Comunidades

- **Acolhemos mal** e com intolerância.
- Não entendemos a **fé inconstante** das juventudes e o seu dinamismo (jovens não querem coisas prontas, fazer juntos)
- Deixar o jovem a ser jovem
- Promover o **protagonismo** juvenil
- Dificuldade de **acolher a estrutura rígida** que temos por parte dos jovens e dificuldade de **abrir ao novo** por parte dos adultos.
- Promover formação da juventude.
- **Aprender a trabalhar com os jovens**, linguagem, tecnologia...
- **Acolher as diversas expressões** de grupos e movimentos juvenis
- Jovem como lugar do encontro com Deus – lugar teológico
- Promover atividades lúdicas, retiros...
- Muita influências da mídia católica (eventos).

HISTÓRICO DA FAMÍLIA

Casamento era como: união política, união econômica, união entre famílias (poder)

O aparecimento da união por amor é invenção recente na civilização e só ocorre regularmente no século XX.

- **NO SÉCULO XX:**

Família enquanto divisão de trabalho=homem provedor, mulher cuidadora, sem participação e sem direitos.

Nos últimos 100/150 anos, há aumento da urbanização, tecnologia e recursos.

Anos 40/50 = mulher sai para trabalhar

Anos 60/70 = mulher dissocia sexo de reprodução (pílula e revolução sexual)

Gradualmente, as mulheres conquistam direitos, profissões e autonomia.

FAMÍLIA MODERNA

É uma família nuclear, pequena, com forte interdependência entre pais e filhos. Depende mais de serviços: creches, escolas, empregadas. Grande variedade de configurações familiares =

separações e novos casamentos. Papéis parentais e autoridade X aumento da sobrecarga nas relações. Mudanças sociais recentes incluem gênero, sexualidade e opção sexual, regulação dos casamentos e das separações, divisão do trabalho, dos papéis e das tarefas. Aumento de cobrança dos cuidados paternos para com a prole, famílias chefiadas por mulheres. Vínculos familiares simétricos – sociedade de irmãos. Idealização da adolescência. Maus cuidados parentais levam os jovens a obedecer aos meios de comunicação, ao uso de drogas e ao consumo desenfreado. Uma geração estéril para a criação e para a busca do conhecimento. Na construção da identidade, o mesmo busca figura masculina bem sucedida: o jogador de futebol, o traficante, etc.

A FAMÍLIA BRASILEIRA HOJE

“Em 2003, segundo o IBGE, 10% das famílias brasileiras são constituídas por pessoas que moram sozinhas (unipessoais), quase 15% compõe-se de casais sem filhos, logo $\frac{1}{4}$ é de famílias sem presença de prole, 51% são nucleares com filhos, 18% são chefiadas por mulheres sem cônjuges, porém com filhos, e um resíduo de 6% congrega outros arranjos. O percentual de famílias com pessoa de referência do sexo feminino é de 28,8% em 2003, contra 16% em 1981. Desse total de 15,3 milhões de famílias chefiadas por mulheres, quase dois terços são monoparentais com filhos. As famílias monoparentais onde a pessoa de referência é homem são tão poucas que não têm significância estatística (menos de 1%).

AS NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES

Nuclear simples: família em que o pai e a mãe estão presentes no domicílio; todas as crianças e adolescente são filhos desse mesmo pai e dessa mesma mãe. Não há mais qualquer adulto ou criança (que não sejam filhos) morando no domicílio.

Monoparental feminina simples: Apenas a mãe está presente no domicílio, vivendo com seus filhos, mas também, eventualmente, com outros menores sob sua responsabilidade. Não há mais nenhuma pessoa maior de 18 anos, que não seja filho, morando no domicílio.

Monoparental masculina (simples ou extensa): Apenas o pai está presente no domicílio, vivendo com seus filhos e, possivelmente, com outros menores sob sua responsabilidade e/ou outros adultos sem filhos menores de 18 anos.

Nuclear extensa: O pai e a mãe estão presentes no domicílio, vivendo com seus filhos e outros menores sob sua responsabilidade e também com outros adultos, parentes ou não do pai e/ou da mãe.

Monoparental feminina extensa: apenas a mãe está presente no domicílio, vivendo com seus filhos e outros menores sob sua responsabilidade e também com outros adultos, parente ou não.

Família convivente: famílias que moram juntas no mesmo domicílio, sendo ou não parentes entre si.

Família nuclear reconstituída: família em que o pai e/ou a mãe estão vivendo em nova união, legal ou consensualmente, podendo também a companheira ou companheiro ter filhos com idade até 18 anos, vivendo ou não no domicílio.

Família de genitores ausentes: família em que nem o pai nem a mãe estão presentes. Os avôs, tios são os responsáveis pelos menores de 18 anos.

Família nuclear com crianças agregadas: família em que o pai e a mãe estão presentes no domicílio com seus filhos e também com outros menores sob sua responsabilidade. Não há outro adulto morando no domicílio.

“A família é e continuará sendo um laboratório de relações humanas onde se testam e aprimoram os modelos de convivência que ensejem o melhor aproveitamento dos potenciais humanos para a criação de uma sociedade mais harmônica e promotora de bem estar coletivo”. Luis Carlos Osório (2002 p.64)

Toda família enfrenta situações de tensão. Família sadia não pode ser distinguida da família enferma pela ausência de problemas. A família saudável é aquela capaz de perceber os limites claros entre os integrantes; onde as figuras parentais e filiais aceitam o uso diferenciado da autoridade, com liberdade para questionar e negociar em situações de poder desigual. (Minuchin,1977,p.3)

Escutar o outro e respeitar sua individualidade, enaltecer suas possibilidades, valorizar seus talentos é perceber com sensibilidade que cada família desenvolve seus próprios métodos de sobrevivência.

Portanto, trabalhar com famílias consiste em ampliar a reflexão sobre diferenças, limites e possibilidades das pessoas em interações familiares e sociais. Para tanto, faz-se necessário ampliar a tolerância e a solidariedade nas relações, bem como, a direção da própria vida, compreendendo que o histórico de cada um compõe suas escolhas, mas não é determinante.

Cabe aos profissionais, agentes, que realizam trabalhos de acompanhamento a família analisar os laços existentes nas relações familiares, com a intenção de buscar novas alternativas para os conflitos, para as questões recorrentes e, conseqüentemente, ampliar vínculos familiares e sociais que subsidiem maior autonomia.

O autor Carlos Victor Gomes (1987) discorre sobre os tipos de vínculos, que podem variar em termos quantitativos e qualitativos, bem como, em intensidade, sem que tenhamos consciência deles.

A)Vínculos paranoicos: caracterizam-se pela desconfiança descabida entre os elementos em interação, com a presença de medo, descrédito exagerado em relação aos outros.

B) Vínculos depressivos: caracterizam-se pelo sentimento de culpa, débito, em que a pessoa se submete a um contínuo sofrimento pelos outros.

C) Vínculos obsessivos: caracterizam-se pela auto-exigência consigo mesmo e com os outros, pelo excesso de cuidados, do medo de cometer erros.

D)Vínculos hipocondríacos: Caracterizados pela simulação de uma enfermidade que é usada como meio de alcançar atenção e suscitar a autopiedade.

E)Vínculos histéricos: Caracteriza-se pela dramatização e teatralidade para chantagear e manipular os elementos do grupo.

F)Vínculos maníacos: Caracteriza-se pelo exagero da falsa alegria.

Pensar sobre a família é mais que desvendar os aspectos físicos, emocionais e comportamentais. A família está inserida em um universo, em um sistema de valores, crenças e relações entre várias famílias. A família é considerada o fundamento básico e universal da sociedade.

AS MUDANÇAS OCORRIDAS NA SOCIEDADE

Estas mudanças têm influência direta na família, de modo que nenhuma pode viver a ilusão de ser capaz de encontrar sua realização sem interagir com tais mudanças.

1)A nova cultura: As transformações técnicas e sociais propiciam a formação de uma nova cultura, que influi nos hábitos, valores, costumes e comportamentos dos povos. Em decorrência desta situação a família tem vivenciado consequências como: diferentes modelos de família, novas concepções e técnicas de procriação, redução do número de filhos, emancipação da mulher e seu trabalho fora do lar.

2)Influência da globalização: Com um sistema de comunicações que reduz a distância entre as diferentes nações e povos, os indivíduos se tornam mais próximos e, ao mesmo tempo, mais distantes. A globalização tanto pode reforçar o processo da unidade dos povos e prestar um melhor serviço à família humana, como se restringir às leis do mercado, conforme a conveniência dos países mais ricos.

3)Meios de comunicação: Muitos pais levantam a voz contra determinadas colocações dos meios de comunicação e contra alguns programas veiculados. Entretanto, os mesmos não são capazes de fazer surgir uma mentalidade crítica e uma ação suficientemente forte para reverter o quadro negativo que apresentam os meios de comunicação.

4)Trabalho da mãe fora de casa: A dupla jornada de trabalho e o acúmulo de papéis assumidos pela mulher, seja em razão do empobrecimento, seja pela procura de uma realização pessoal, deixam muitas vezes sem a devida assistência as crianças e os adolescente.

5)Consumismo e mentalidade capitalista: A precária capacidade de adquirir bens e serviços e a compulsão consumista são também fatores agravantes que induzem a família a pretender padrões insustentáveis.

6)Individualismo e egoísmo: A tendência natural do povo brasileiro de cultivar a hospitalidade, a solidariedade e a prestação de serviços vem perdendo terreno e dando espaço ao individualismo e isolamento. Nesta sociedade, é comum cada um defender o que é seu, sem levar em conta que a família tem um eminente papel como agente sóciotransformador.

Nossa sociedade viu aumentar, nos últimos anos, os problemas sociais vivenciados pelas famílias como: a violência dentro e fora de casa, fragilidade das políticas sociais de trabalho, desemprego/ausência de pessoal qualificado, ausência de moradia ou moradia precária, saúde, educação, ausência de programas sociais, uso de bebidas e drogas, violência doméstica, cultura que cria condições para promiscuidade, relativismo religioso, ético e cultural.

Ao refletir sobre os desafios enfrentados pela família, mesmo partindo daqueles que são externos, como os problemas sociais, vão chegar ao centro da construção de tais problemas, que é o coração do ser humano. Vivemos, hoje, um tempo em que o individualismo se manifesta talvez como em nenhuma outra época da história. Fato este que tem implicações evidentes sobre as relações familiares e sobre toda a sociedade.

A família continua sendo o “lugar” privilegiado de cuidados, aprendizados dos afetos, construção de identidades, da consciência de pertença a este mundo e da necessidade que cada um tem de deixar sua marca. As famílias precisam estar continuamente restaurando e alimentando suas relações entre si e com o mundo.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO:

1) Diante a realidade descrita acima, é possível a família “existir” e atingir seus objetivos pessoais e sociais?

2) O que a família pode fazer diante das influências massivas? Se isolar do mundo, jogar fora a televisão, não colocar ou retirar os filhos da escola, ou propagar a marginalidade como a única forma de sobrevivência?

3) O que a Igreja (comunidade, pastorais) pode fazer para ajudar as famílias no enfrentamento destas situações?

4) Diante as novas configurações familiares, como trabalhar com as famílias em situação irregular?

Maria Izabel de Jesus

Reflexão das Comunidades

- **Novos conceitos de famílias** que nos questionam como evangelizadores. Como trabalhar estas realidades? Como trabalhar um modelo de família...?
- Repensar a **acolhida** da Igreja por parte destas famílias. A Igreja também exclui. Trabalhar o acolhimento.
- Trabalhar uma **pastoral familiar** que seja mais do que preparar encontro de noivos e legitimação. Ser uma pastoral do acompanhamento da família. Aproximar das famílias com **visitas** permanentes.
- Estar **aberto a outras composições familiares** e agir com tolerância e solidariedade.
- Preparar para enfrentar os desafios das famílias dentro da composição de hoje.
- **Acolher**, acolher, acolher... e orientar e acompanhar
- **Instituição familiar fragilizada**

A Constituição do Sujeito: criança/adolescente

Diante da proposta de formularmos e executarmos um projeto de trabalho da Paróquia Nossa Senhora das Graças, em que serão definidos os objetivos e metas de atuação, tendo como fundamento principal alcançar o humano em todas as suas dimensões, espirituais, psíquicas, físicas, cognitivas e sociais, proponho, à luz da psicologia e da psicanálise, pontuar alguns conceitos que perpassam toda a elaboração e execução desse projeto.

Inicialmente é necessário apresentar como o homem se faz. Chamá-lo-emos de sujeito. No “Aurélio”, encontramos muitas definições para este termo: do lat. subjectu, “posto debaixo”; como adjetivo: súdito, escravizado, cativo, obrigado, que se sujeita à vontade dos outros; como substantivo masculino: indivíduo indeterminado, que não se nomeia; na filosofia: indivíduo real que é portador de determinações e é capaz de propor objetivos e praticar ações, agente, fonte de atividade; no jurídico: titular de um direito.

Interessa-nos definir como esse sujeito se constitui psiquicamente. O ser humano, ao chegar a esse mundo, encontra todo um ambiente preparado para ele. Antes do bebê nascer, já há um campo estruturado, constituído, com um conjunto de demandas, desejos e desígnios dirigidos a ele.

Quando ele nasce, só sobrevive se alguém cuidar dele. Freud deu a essa condição de dependência total o nome de desamparo fundamental do ser humano. Primeiramente e normalmente, quem cuida do bebê é a mãe, numa interação entre ele e o mundo externo representado por ela. Ele apresenta necessidades, como a fome, a necessidade de sentir-se aquecido e ela as supre. Quando chora, é uma maneira de comunicar-se, então, ela vem ao seu encontro.

Alvarenga diz que ao repetir seu choro como apelo, o bebê deixa de ser o sujeito da necessidade para tornar-se sujeito da intenção. O bebê, portanto, não é passivo no processo. Quando a mãe atende à sua necessidade após o choro, ele conclui que o choro trará sua mãe: ela, ao satisfazer sua necessidade, traz a ele o mundo da linguagem, dá significado ao choro.

Porém, nem sempre a mãe responde ao chamado do bebê, fazendo-o perguntar “o que eu sou para o Outro?” “por que é que ela não vem?”. Para Lacan, a mãe é o Outro da linguagem, é incompleta. Foi constituída também como sujeito de forma incompleta.

Assim, o sujeito surge entre o choro e a mãe, vindo a constituir-se pela linguagem, onde é inserido no mundo da cultura.

Freud fala em estágios do desenvolvimento pelos quais a criança atravessa: o oral, anal, fálico e genital, este ligado ao final da adolescência. Interessa-nos aqui, a adolescência, após esta exposição rápida sobre o constituir-se sujeito.

Só há poucos séculos, a adolescência foi percebida como um estágio do desenvolvimento. A palavra adolescência vem da palavra *adolesco*, que significa crescer, brotar, fazer-se grande, tendo esta concepção surgida no final do século XVIII e início do século XIX.

Como foi dito, a criança vem ao mundo determinada pelas marcas da demanda do Outro. Ela está alojada no narcisismo dos pais e no lugar de objeto da falta do Outro materno. (Soares,2007:47).

Freud diz que a puberdade é a perda do corpo infantil. Ele considera o advento da puberdade como o que designa o começo das transformações que conduzirão o florescimento sexual infantil para sua constituição normal e definitiva.

As mudanças corporais prometem um vir-a-ser homem ou mulher, e dizem ao adolescente que ele não é mais criança. Do lado do simbólico, é preciso operar uma separação da autoridade paterna. (Soares,2007:48).

Esse despertar causa um mal-estar presente em todo sujeito, pois traz, com as transformações do corpo, a necessidade de reconstrução da imagem corporal, havendo um estranhamento do novo corpo.

O corpo ocupa, nesse momento, um lugar central para o sujeito e a reconstrução de uma imagem pode representar um apoio, no imaginário que falta ou claudica no momento da puberdade.(Zanotti-Besset, 2007:53).

Surge-nos uma questão, como é construída uma nova imagem corporal, hoje, onde o adolescente está inserido numa ordem psíquica e social marcada pela globalização e pelo capitalismo moderno, que ofertam incessantemente ao jovem objetos a serem consumidos. Há um imperativo: usufrua! Se você não usufruir, estará à margem da sociedade. Com a globalização, houve um rompimento das fronteiras que diziam de uma ordenação ao sujeito através das suas identificações.

Gaspar (2007:63) nos apresenta que os sintomas contemporâneos (anorexia, bulimia, obesidade, toxicomanias, hiperatividade, delinquências juvenis) são indicadores de uma desarticulação entre as palavras e o corpo.

O adolescente, diante da falta de referência, desliga-se de sua posição de sujeito e faz-se um dejetivo. Com constantes passagens ao ato em seu corpo. Corpo que se opõe, tatua, transgredir, agride, faz marca e Marca/ação. Se diz, diz mal. Mal diz. Mas marca o maldizer, o mal-estar. (Gaspar, 2007:63). (outro trecho estranho...)

Ele não faz isso sem um sentido, pois seus atos têm valor de palavra, implicam um chamado ao pai, na tentativa de inscrição da autoridade e do amor.

Pensando o sujeito criança/adolescente no espaço territorial

Até aqui, foi-nos proposto pensar na estruturação psíquica do sujeito, como ele se constitui na infância e na adolescência. Hoje a falta de referências sólidas, intrínsecas a uma vida mental saudável traz para o jovem atuações que o põem em destaque no cenário social.

No processo de transmissão da cultura, Lacan destaca (1938) o papel primordial da família como o fator que “preside os processos fundamentais do desenvolvimento psíquico, em que têm, a maior importância, os lugares e funções ocupados pelos personagens da novela familiar. (Nogueira,1999:81).

Barros nos lembra que hoje homens e mulheres sofrem e se desesperam pela impotência com que se encontram diante dos filhos, onde os próprios ideais estão em franca decadência, não se articulando mais em um discurso que faça laço social, onde se observa a “dissolução” das formas discursivas instituídas pela irrupção do discurso da ciência e do discurso capitalista que desorganizam a cultura humana e seus ideais, os pais veem-se sem recursos, humilhados, desacreditados, ou, por vezes, com uma arrogância desmesurada, que mal serve para encobrir a impotência com que se encontram. (Barros,1999:47).

Esta crise traz reflexos no espaço onde os sujeitos circulam. Destaco os jovens que estão em nosso território e vivem à margem deste. Estamos inseridos, geograficamente, em bairros com distintas configurações sócio-econômicas, em que alguns têm acesso aos bens de consumo oferecidos e outros não, fazendo com que, muitas vezes, a saída para o não ter encontra-se nas drogas, prostituição, crimes.

Alguns jovens são marcados pela cristalização do binômio capacidade/incapacidade para falar, escolher, decidir sobre a própria vida. Viver e habitar em um território, além de implicar uma forma peculiar de lidar com os recursos disponíveis geograficamente, também configura laços de sociabilidade, redes de trocas e modos coletivos e singulares da produção da subjetividade. (Scisleski, Maraschin, Tittoni, 2006:56).

Nossa proposta deve pautar-se pela implicação do sujeito através de espaços que tragam o diálogo, a reflexão e trocas, para que o conhecimento se produza, o sujeito se reconheça em conexões afetivas, cognitivas, sociais, enfim, humanas.

Assedina Pereira Esteves

Reflexão das comunidades

- Atendimento às necessidades das famílias.
- Diálogo e integração entre as pastorais sociais ainda são pequenos.
- Campanhas de mobilização. (para quê?)
- Reativar a Pastoral da Construção. (é essa palavra mesmo?)
- Fortalecer as Pastorais da Criança e do Menor.

Prioridade	Objetivos	O quê	Quando	Quem	Parcerias
1ª Juventude;	Identificar pessoas para trabalhar com jovens	Convidar pessoas	dezembro de 2011 a janeiro de 2012	Pe. Sebastião	Outros padres.
	Formar agentes	Curso de formação (encontros)	Ultimo domingo do mês(desde fevereiro)	Pe. Enivaldo	EAC, PJ e outros grupos ligados aos jovens.
	Criar espaço para a juventude na Igreja	Missa da juventude	Um sábado a cada mês.	Grupos ligados à juventude	EAC, crisma, P.J.
	Estimular a espiritualidade cristã	Um retiro com os jovens	Uma vez por ano (mínimo)	Fabiano.	Os grupos ligados à juventude
	Fomentar a integração e a convivência	Passeios, gincanas e atividades esportivas	A partir de março de 2012	Os grupos ligados à juventude	Secretaria, Itaka e Colégio Ibituruna

Prioridade	Objetivos	O quê	Quando	Quem	Parcerias
2ª Família	Acompanhar as famílias	Encontros de orientação para as famílias que são ajudadas	Terceira terça feira de cada mês A partir de março	Maria Izabel de Jesus e Pastorais Sociais (Menor,	Pastoral Familiar, Secretarias Sociais (Município -

		por diversas pastorais sociais		criança, saúde, vicentinos; Batismo, Sobriedade, etc.)	Políticas Públicas), Colégio Ibituruna
--	--	--------------------------------	--	--	--

Prioridade	Objetivos	O quê	Quando	Quem	Parcerias
3ª Pastoral da Acolhida	Integrar as pastorais (comunicar situações)	Melhorar o diálogo e a abertura entre as pastorais da comunidade.	Conselhos Pastorais da comunidade e paroquial	Coordenadores de pastorais e as comunidades e paroquial – Pe. Enivaldo	Os padres
	Realizar um mutirão de visitação (dizimistas, doentes, famílias com problemas)	Visita aos afastados e aos que queiram receber visita	Outubro (mês missionário)	Todos os agentes pastorais e padres	ITAKA ESCOLÁPIOS e comunidades
	Melhorar a acolhida nas celebrações litúrgicas	Encontro para formação de agentes	Primeiro Semestre	Liturgia, Agentes de Pastorais e padres	Padres e agentes de pastorais

Prioridade	Objetivos	O quê	Quando	Quem	Parcerias
4ª Igreja Missionária	Fortalecer e capacitar (ligado com a acolhida)	As pastorais (Um encontro)	Primeiro Semestre	Coordenadores e agentes de pastorais	Assistente Social e psicólogo/a
	Assumir uma atitude de estar atentos aos que faltam				

Prioridade	Objetivos	O quê	Quando	Quem	Parcerias
5ª Social	Organizar a Rede Solidária	Dois encontros (orientação e motivação)	28 de fevereiro e 25 de setembro	Pe. Fernando	Glaucilene, Pastorais Sociais
	Fazer acontecer a Rede Solidária nas comunidades	Divulgação (folders e fichas)	Fevereiro de 2012	Os padres e coordenação das pastorais sociais	Coordenação de cada comunidade, GGN

	Oferecer formação nas reuniões	Campanha da Fraternidade 2012 (Saúde Pública)	Toda última terça feira de cada mês	Izabel	Secretarias Sociais (Políticas Públicas do Município)
--	--------------------------------	---	-------------------------------------	--------	---

Prioridade	Objetivos	O quê	Quando	Quem	Parcerias
6ª Formação	Continuar com o Curso de Teologia para leigos/as	Estar preparados para dar razão da nossa fé em toda situação	Quartas feiras, 19:30 hs.	Padres	Secretaria paroquial e funcionários da comunidade
	Oferecer um encontro de formação litúrgica(para entender e viver melhor o mistério litúrgico)	Preparar melhor os membros da pastoral litúrgica e os membros da comunidade	7 de julho	Pe. Enivaldo e Secretaria Paroquial (e equipe de liturgia paroquial)	Secretaria Paroquial
	Organizar as Semanas Catequéticas	Formar catequistas compromissados e melhor preparados	Janeiro e julho	Pe. Carmelo e coordenação da catequese	Secretaria Paroquial e comunidades
	Oferecer duas semanas bíblicas	Boa Nova, A primeira sobre a Campanha da Fraternidade e a segundo sobre o Livro da Bíblia proposto pela CNBB para conhecer melhor a Bíblia e pôr na prática	Março e setembro	Boa Nova	MOBON e a Diocese
	Realizar encontro para os Círculos Bíblicos	Para valorizar os círculos bíblicos	28 de abril no GGN	Pe. Carmelo e Equipe da Boa Nova	Secretaria Paroquial
	Realizar encontros de formação para pais de catequizandos	Ajudar para que acompanhem melhor os filhos na catequese	Nas duas reuniões de pais programada nas comunidades	Pe. Carmelo e coordenação da catequese	Secretaria Paroquial
	Oferecer formação sobre o	Conhecer melhor o funcionamento	Nos conselhos paroquiais	Pe. Enivaldo	Secretaria Paroquial

	significado dos conselhos	dos conselhos pastorais			
	Realizar encontros de formação para agentes da Pastoral do Batismo	Construir uma proposta paroquial	26 de fevereiro, formação, dia 06 de maio, retiro e 04 de novembro planejamento	Pe. Sebastião, equipe de batismo	Secretaria Paroquial
	Oferecer formação por pastorais (toda pastoral deve oferecer formação para os seus membros)	Atualizar e motivar os agentes de pastoral	Ao longo do ano na programação da pastoral	Coordenação de Pastorais e padres	Secretaria Paroquial

¹ Doc 85 afirma que a juventude é o lugar teológico da ação de Deus e é neste lugar que somos convidados a acolher a voz de Deus que fala por ela e nela (n 81). Segundo Pe. Hilário Dick, é a primeira vez na história que o Magistério da Igreja assume o jovem como lugar teológico da ação de Deus. Dá-se aí uma mudança paradigmática na compreensão de Deus na vida das juventudes.

¹ GARCIA, JÁ. *En el mundo desde Dios. Vida religiosa e resistencia cultural. Sal Terrae, Santander 1998. p. 102*

¹ MIRANDA, A J. *Volver a creer com los jovenes*. Ed. Frontera, Vitoria 2010 p. 18

¹ DA, n 338

¹ SOFIATI, Flávio Munhoz. *Reflexão e juventude: os jovens carismáticos. Pesquisa apresentada em tese doutoral no departamento de Sociologia da faculdade de filosofia, letras e ciências humanas da USP aborda de forma exaustiva esta questão. Segundo Flávio Munhoz, a média de permanência de um adolescente ou jovem nestes movimentos são de 4 anos. A forma de apresentar o explícito anúncio do Evangelho com um traço marcadamente moralista leva as juventudes a criarem um sério problema de consciência, levando a perceberem-se em permanentes pecados graves. Ao tomar consciência da impossibilidade de não responder a esta forma de vida, a saída é abandonar de forma radical o movimento e a Igreja. Mesmo que continuem a admirar o movimento e acreditar na sua conduta moral, mas sentem-se incapazes de cumprirem o que pedem. A pesquisa estuda especificamente o movimento do “Por Hoje Não vou mais pecar (PHN)” protagonizado pela TV Canção Nova, de Cachoeira Paulista, liderado por Dunga*

¹ SEBASTIAN, Fernando. *Evangelizar. Edições Encontro, Madrid 2010, p. 71*

¹ MARTINI, Cardeal Carlo M. Martine. SPORSCHILL, Georg. *Diálogos noturnos em Jerusalém: sobre o risco da fé*. Paulus, 2008 pp. 149-156.